CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA N.º 17 DEZEMBRO, 1961

OMETANÍMPE, OS "TRANSFORMADOS"

PROTÁSIO FRIKEL
Museu Goeldi

1. Os "Transformados" do Wáipa

Certa vez, conversando com os Tiriyó sôbre o rio Parú (de Oeste), êles me perguntaram, se tinha visto, perto da bôca do rio Wáipa, os "Ometanímpe", os "Transformados" ou "Encantados". Não conhecendo o assunto, indaguei. Fui informado que os "Ometanímpe" eram um grupo de seus antepassados que "viraram pedra". Julgava, então, que se tratava de pedras nas quais, com bôa dose de fantasia, poderiam reconhecer-se traços de conformação humana. As lendas, porém, despertavam o meu interêsse e resolvi olhar mais de perto o local. Deixo seguir, aqui, os mitos que ouvi, os fatos que encontrei e a tentativa de uma interpretação.

A lenda

Anotei dois pequenos relatos sôbre aquêle lugar. O primeiro é um tanto mais pormenorizado e tem por informante Atchéfe, filho do tuxaua aramagóto (1).

"Quando um grupo dos Aibüba abandonou Mopéwaka para morar no Wáipa, deu-se o caso de sua transformação. Êles tinham maloca no Kuípia, num pequeno morro perto do

1. — Os Tiriyó dividem-se em várias sipes que constituem os grupos e subgrupos dêste povo. Um dêles são os Aramagóto, cujos ancestrais tinham a autodenominação de Aibüba.

Wáipa, mas um pouco acima da sua bôca. Certa vez, um grande temporal passou por cima da maloca. Reinava densa escuridão e parecia noite. Os Aibüba ficaram com mêdo. No segundo dia, o sol também não apareceu. Êles começaram, então, a chorar. A escuridão intensificou-se sempre mais e êles resolveram abandonar a maloca e ir para o campo aberto (na margem direita do Wáipa), para esperar ali o sol e a luz. Sentaram-se sôbre o lagedo, como rosto para o nascente, esperando a luz e o nascer do sol. Mas a noite era tão longa que não quís mais terminar. Angustiados esconderam o rosto entre os braços e sôbre os joêlhos, esperando e chorando. A luz do sol porém não quís vir e êles não ousavam sair no meio daquela escuridão. Sentados esperavam... até se tornarem pedras. E assim ainda estão lá no lagedo do campo. É por isso que nós chamamos a êste lugar de : "Ometanímpe" (i. é: os transformados).

O segundo relato, embora mais curto e narrando, bàsicamente, o mesmo episódio, parece-me um tanto mais valioso, porque, devida a sua forma mais condensada, realça melhor o que parece de mais importante naquela lenda sôbre os transformados. O informante era o próprio tuxaua Marakutá, pai do já mencionado Atchéfe. Êle resumiu :

"Quando os Aibüba moravam no Wáipa, houve uma noite muito longa. O sol não quís aparecer. Êles sairam para o campo e se sentaram ali para esperar o aparecer da luz. Mas a escuridão não quís findar e os Aibüba não quiseram sair sem ver o nascer do sol. Assim ficaram sentados até se tornarem pedras. E lá ainda estão..."

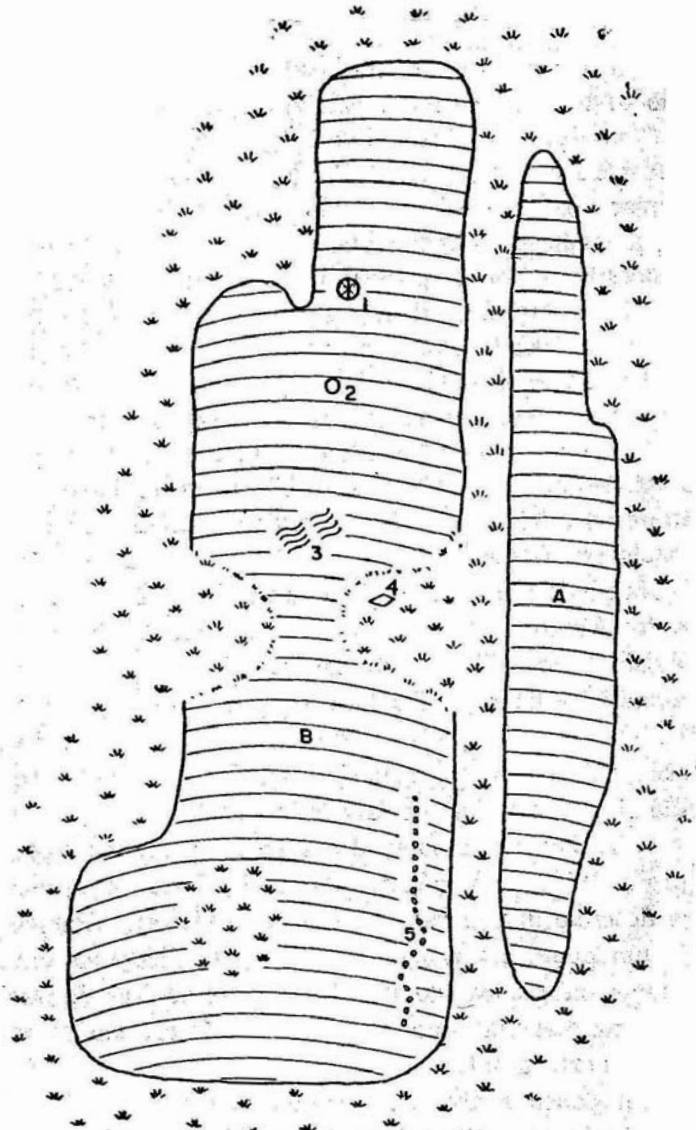
Os achados

No ângulo formado pela confluência do pequeno rio Wáipa com o Parú de Oeste, existe um lagedo no meio dos campos gerais. Dista 1 km. do Wáipa e 500 metros do Parú, aproximadamente. Na sua superficie, é bastante plaino e, com exceção de um leve degrau, não mostra maiores irregularidades. Possue, porém, um declive do sul para o norte. Por uma faixa de capim de 2 a 3 metros de largura, o lagedo é di-

vidido no mesmo sentido norte-sul em dois trechos principais. O lado oeste, mais estreito, pela tradição é indicado como "caminho" ou "estrada dos antigos" (penatono êma). O trecho vizinho para o leste, bastante largo, é explicado como "aldeia" ou "lugar dos antigos" (penatono pata). E, justamente nesta parte, a tradição indígena encontra os vestígios petrificados dos ancestrais. O comprimento total dêste setor principal mede 135 m., aproximadamente. Sua largura é de 35 m., no setor central, sendo que a ponta sul é mais estreita, com 18 a 20 m. enquanto a porção norte alcança cerca de 50 m. de largura. Destacam-se duas secções, divididas por um degrau natural, formando duas pequenas chapadas. A mais alta, ao lado sul, possue uma extensão de 67 m., a de baixo, ao norte, perto de 53 a 54 m. e o degrau divisório estende-se por uns 15 m. mais ou menos.

Na ponta mais alta do lagedo mostram-se ainda vários objetos dos Aibüba. Numa distância de cerca de 30 m. da ponta sul existe o "oripó" ou "torrador". A denominação não corresponde à realidade. Embora não se trate de um torrador para assar beijú, inegàvelmente é feito por mão de homem, pois consiste numa gravura rupestre que se apresenta como um círculo riscado no chão do lagedo, com 90 a 100 cm. de diâmetro e cujas bordas possuem 3 a 4 cm. de largura com 0,5 cm. de profundidade em média. No meio desta roda encontra-se outro desenho que, porém, não é muito visível. Parece tratar-se de um ponto central, cortado por três diagonais em distâncias mais ou menos iguais. Bem reconhecível é, porém, sòmente uma diagonal que atravessa o círculo em rumo quase exato de norte a sul.

Um pouco abaixo do torrador fica o "maha", a "panela de bebidas" dos antigos (penatono maha), petrificada. Apresenta-se em forma de um buraco liso afunilado dentro do lagedo com 30x30 cm. de diâmetro. Esta "panela dos antigos", creio ser de origem natural. No seu aspecto parece-se muito com os funis cavados pela água, como frequentemente nas cachoeiras são encontradas.



CROQUIS DO LAGEDO DO WAIPA

A. Penátono êma, o caminho dos Aibüba.
B. Penátono patá, o lugar (acampamento, aldeia) dos Aibüba.
1. Penátono óripo, o torrador dos Aibüba, uma gravura rupestre, circular.
2. Penátono mahá, a panela de bebidas dos Aibüba.
3. Penátono iménu, a pintura ou o desenho dos Aibüba.
4. Penátono pakará, o balaio dos Aibüba.
5. Penátono ou penátono tépu, a fileira de pedras dos Aibüba.

Outra cousa, também de origem natural, é a chamada "pintura dos antigos" ou "desenho dos antigos" (penatono imenu). É um curto trecho de lagedo com pequenas ondulações na superficie.

Vê-se ainda o "baialo dos antigos", petrificado, (penatono pakara; penatono ãkai ene). Consiste numa pedra de uns 30x10x10 cm. em forma de losango. Os Tiriyó vêem nela um balaio do tipo ãkai ene, cujo sistema de trançado é losanguiforme. Pareceu-me uma pedra comum e não encontrei nela vestigios de trabalho humano.

Na parte inferior do lagedo, lado norte, encontra-se, porém, o que é de mais importância para o tema em fóco : as pedras dos ancestrais ou, conforme a tradição : os ancestrais transformados em pedras. É uma longa fileira de pedras em linha levemente ondulada, numa extensão de 32,50 m. Esta fila começa 14 m. abaixo do degrau de declive e finda 7 m. antes da beira do campo. As pedras são tôdas chatas, geralmente mais compridas que largas, de forma triangulares ou retangulares. Não resta dúvida alguma que, em tempos idos, tenham sido colocadas nêste lugar. Provàvelmente foram tiradas do próprio local, pois para o lado nordeste e no próprio degrau de declive há rupturas no lagedo e aparecem camadas de pedras na mesma conformação, local donde bem possam ter sido tiradas. Como já ficou dito, a tradição quer que estas pedras sejam um grupo de Aibüba transformados. Contam-se um total de 52 pedras-ancestrais. No meio da fila está o "tamútupe', o "velho" ou seja o "chefe da sipe", uma pedra bastante volumosa. Partindo, na contagem, da posição desta pedra-chefe, existem 25 (atras maiores para ambos os lados da fileira e mais uma 26.ª, pequenina, para o lado sul, uma "pedra-criancinha". Os Tiriyó ainda dividem êstes "Transformados" em famílias e indicam, quais os homens e quais as mulheres e crianças.

Cerâmicas ou instrumentos líticos não se encontraram no local. Caso existam, devem estar soterrados debaixo do capim, nas beiras do campo.

Convém mencionar ainda o fato de que no recôncavo do Tumucumaque existem vários lugares, dos quais os Tiriyó relatam tratar-se de ancestrais transformados em pedras. Ouvi falar de, pelo menos, 4 sítios. Mas não os pude visitar e verificar, se êles todos são do mesmo estilo dos "Transformados" do Wáipa. Uma nova viagem àquelas regiões trará mais luzes sôbre êste e outros assuntos semelhantes.

Uma tentativa de interpretação

Comparando s traços mito-lendários acima referidos com o que de fato se encontra naquêle local, impõe-se quase de per si a idéia de que se trata de um lugar bastante antigo e, em sua disposição, também bastante primitivo, de um lugar frequentado e usado para reuniões e cerimônias tribais. Cerimônias, quiçá ligadas a um culto solar. De antemão seja dito : Provas seguras para esta asserção não existem. Há, porém, indícios que permitem a formulação de uma hipótese interpretativa, baseada sôbre indicações a serem referidas. Poderíamos, aí, distinguir entre

1) conclusões, provàvelmente seguras ou certas, tiradas à mão do material existente, das circunstâncias do local, etc. e

2) conclusões hipotéticas, tiradas, principalmente, da tradição oral dos índios.

1. Comecemos com o lugar mesmo. Os Tiriyó de hoje mencionam o lagedo como sendo u'a maloca petrificada, "encantada". Todavia, o local não é próprio para habitação. Por um lado, é uma lage estéril, de pedra nua à flor da terra, onde não se pode fazer casa ou aldeia. Ademais, os lados de NE a SE são formados por campos baixos que, durante grande parte do ano, tornam-se pantanosos. Com uma palavra, o local era impróprio para moradia, mas devido a seu nível um pouco mais elevado no meio do campo aberto e sua conformação plaina, era mais apropriado para servir de local de reunião e de cerimônia. A falta completa de restos de cerimônias, etc., fala contra visitas muito demoradas do lugar, embora não se possa excluir, de antemão, a possibilidade de uma origem pré-cerâmica. Por outra : As moradias ficaram um pouco mais

além, na margem esquerda do Wáipa e no alto da colina chamada Kuípia, como a própria lenda indica e onde, realmente, se encontra um sítio arqueológico com restos de cerâmicas primitiva, instrumentos líticos, etc. Supondo que o depósito arqueológico do Kuípia e as pedras da lage provenham da mesma época, poder-se-ia imaginar que aquêles índios moravam no Wáipa, mas realizavam certas reuniões e cerimônias no lagedo do campo.

Tomando por base a lenda, evidencia-se que os Aibüba na "longa noite", se sentaram sôbre o lagedo, com o rosto para o nascente, esperando o nascer do sol e a luz. Fala-se na lenda como de um fato único. Ora, é óbvio que as pedras ali, no lagedo, não são outra cousa senão assentos "ad hoc" colocados. Daí já se pode deduzir que êste esperar pelo nascer do sol e pela luz era, até certo ponto habitual ou um costume tribal. Se se tratasse de uma fuga única no meio de um temporal, acompanhado por densa escuridão, quem carregaria, nessas circunstâncias, pedras para o lagedo, para ali se sentar? Mas, uma vez que se trata de assentos, pode-se supor, com razão, um certo hábito tribal.

Diz a lenda que os Aibüba esperavam o sol, olhando para o nascente. Esta indicação do rumo leste é confirmada pela posição da própria fileira de assentos, que, pràticamente, só deixa a vista livre para o lado éste. A fila de assentos se estende de N a S, e as pedras, na sua grande maioria mais compridas que largas, acompanham êste rumo. (ver fotos). Com isso se exclue de antemão um modo de se sentar olhando para o N ou o S. Por outra, o modo de olhar, sentado, para o Oeste, também não é provável, pois a fila das pedras fica a pouca distância da beira do campo que, ali, é mais elevado. O capim e a própria terra impediriam qualquer vista para longe. Resta, portanto, só a vista para o nascente. Nessa posição, o espectador tem em sua frente a maior parte do lagedo, comparável a um terreiro (próprio para cerimônias). Adiante estende-se o campo, declinando suavemente até a restinga da mata que orla as margens do rio Parú de Oeste e, além do Parú, novamente, os campos com as serras no fundo, atrás das quais

o sol nasce. A posição dos assentos confirma, pois, o que a lenda diz a êste respeito.

Outra circunstância indica que, realmente, se tratava de um lugar de cerimônias. É porque êste "esperar pelo sol" foi feito pelo grupo em ordem hierárquica. O ponto central ficou ocupado pelo "Tamútupe", o "velho" que pode ser tanto o chefe da sipe. como o chefe da linhagem ou ainda o pagé principal do grupo. Todavia, as mais das vezes, o "tamútupe" também é pagé. Assim é hoje ainda e o era também em tempos passados, conforme os relatos dos tiriyó. É, pois, bem possível que, com o "tamútupe-pagé" no meio, o grupo realizou ali certas cerimônias de costume. Os participantes, ao que parece, eram pessoas de ambos o ssexos i. é todos os indivíduos da maloca ou seja a sipe tôda, pois ainda hoje os Tiriyó distinguem entre as pedras que eram (assentos de) homens ou mulheres.

Resumindo, teríamos, pois,

a) um local, próprio para reuniões e cerimônias, onde

b) se acham assentos em forma de pedras, postas em fila que

c) por sua posição indicam que a parte cerimonial se passava para o lado do nascente e que

d) o grupo todo participava destas reuniões e cerimônias.

Até aqui, as conclusões tiradas das circunstâncias, parecem seguras e aceitáveis.

2. Surgem, todavia, várias perguntas e questões, baseadas nas expressões das lendas que talvez, e então só mui vagamente, poderiam deixar entrever uma possível ligação destas reuniões ou cerimônias a um primitivo culto solar.

Temos aqui a expressão de "longa noite" e "escuridão demorada". Como se deverá entender êste têrmo ? Ao pé da letra, como escuridão demorada, igual a uma noite ligada a um temporal, conforme a lenda quer ? Ou tratar-se-á talvez de determinadas noites do ano, de forma que a expressão "longa noite ' sejo um antigo têrmo técnico, indicando, quiçá, noites de solstício ou escuridão de outros fenômenos, como por exemplo de eclipses solares ?

Temos alí um desenho rupestre, uma roda com diagonais (uma espécie de roda solar ?), perto daquela fila de assentos, embora um pouco mais para o lado sul. Será que tinha que ver algo com aquelas cerimônias ?

E temos ainda a menção de um chôro, pois se diz que "esconderam o rosto entre os braços... chorando", etc. Essa, ainda hoje, é a posição típica durante o chôro oficial, como o fazem para um defunto ou na ocasião de despedidas comoventes. Será que havia um chôro cerimonial durante aquelas funções ?

As indicações, todavia, são vagas demais para permitirem qualquer conclusão fundamentada.

Outro ponto, igualmente hipotético, diz respeito à origem e idade dessas relíquias líticas. Os tiriyó atribuem tudo que não é da época atual aos antepassados, aos Aibüba. Mas a tradição tribal relata que também os Aibüba imigraram nesta região, assimilando e absorvendo num processo de aculturação primitiva grupos tribais ali já preexistentes. Um fato dá para pensar : A religião dos Aibüba, segundo as informações dos Tiriyó, não diferia essencialmente, da religião dos Tiriyó de hoje. Realmente, em todo o tempo de permanência entre os Tiriyó, nunca me foram feitas alegações que apontassem para um culto ou cerimônias solares, nem atuais nem passadas. Existe, pois a possibilidade, que grupos pré-Aibüba ou grupos então vizinhos e assimilados pelos Aibüba tenham tido uma espécie de culto solar, embora primitiva, e que os Aibüba, assim mesclados, eram simplesmente transmissores de uma tradição que lhes veio de grupos, absorvidos por êles. Tornaram-se, com isso, transmissores de assuntos que êles mesmos não compreendiam inteiramente, porque desconheciam o fundo real de tudo isso. Daí, talvez, ligeiras mudanças na interpretação mítica. Para dar um sentido ao termo "longa noite", procurou-se o expediente numa escuridão causada por um vendaval. Aliás, o relato de Marakutá, não fala dessas circunstâncias explicativas, secundárias; fala sòmente de "longa noite"... dos Aibüba no campo, esperando o sol...', etc.

Outra mudança na interpretação, e esta mais patente, talvez se tenha dado com as pedras de assentos, em relação ao chôro. Não se atinando mais com o "porquê" dêste chôro, os Aibüba em sua atitude de um chôro cerimonial foram substituidos por uns Aibüba chorando, angustiadamente, a sua má sorte. Chorando, até virarem pedras!

II. Os "Transformados" do Manákamã

A publicação das notas supra sôbre os "Transformados" do Wáipa retardou-se um pouco e, enquanto isso, em nova viagem feita ao Tumucumaque, tive ocasião de visitar um segundo sítio arqueológico do mesmo tipo do descrito e com tradições quase idênticas a respeito.

Este sítio fica nas serras que marcam a transição dos campos gerais para as matas virgens, uns 20 km. a leste do rio Parú de Oeste. Existe no extremo lado oriental de um morro de campo chamado Manákamã, e bem ao pé da fralda ocidental do morro denominado Taitái, um lagedo de aproximadamente 50 m. de comprimento, com uma fileira de pedras. Tem ela uma extensão de 27 m. e se compõe de 13 pedras chatas e baixas, provenientes do próprio local; são pedaços colhidos ou quebrados da borda do lagedo grande. Parece que duas ou três dessas pedras, em época mais recente, foram deslocadas de seu lugar primitivo, pois estão um pouco fora do alinhamento geral e vêem-se ainda as manchas mais claras no lagedo, dentro de seguimento da fila, indicando sua posição original. A fileira de pedras estende-se de (290°) oeste a (110°) leste.

A tradição conta que os "encantados" ou "transformados" dêste lagedo também eram Aibüba, cujo sítio de moradia estava no alto do Terêcheróge. É êste um morro bastante ,ngreme, com mais de 600 m. de altura a N E do Manákamã, a uma distância de aprocimadamente 3 km. Nos relatos da tradição fala-se também da noite comprida e do mêdo dos Aibüba. Êstes vieram do Terêcheróge para o lagedo e se sentaram sôbre as pedras que serviam de bancos. Esperaram assim a luz e o sol que demorou a vir. Esperaram até se tornarem em pedras como "encantados".

Afirmam os Tiriyó que na época em que isso aconteceu, o Taitái (no alto do qual existe um grande sítio arqueológico) era desabitado. O tamútupe (=chefe) do grupo do terêcheróge e que é também o chefe dos "transformados" do Manákamã, tinha o nome de Tóma ou To,ma.

De interêsse imediato torna-se o seguinte :

1. Os assentos. — O informante mencionou estas pedras como tendo sido colocadas de próprósito para servirem de assentos ou bancos. Usou da expressão "apói-me para ser assento deles". Confirmou-se assim a suposição feita nos "transformados do Wáipa" de se tratar de uma fileira de assentos que a crença popular, mais tarde, tomou como os próprios Aibüba, transformados ou encantados nessas pedras.

2. O grupo étnico. — Trata-se também aqui dos Aibüba, mas de um grupo (talvez uma linhagem) diferente, a saber, dos Aibüba do Terêcheróge, enquanto os do Wáipa provinham do Mopéwaka, uma serra que fica mais central, ao norte do Terêcheróge.

3. O motivo. — Em ambos os relatos (sôbre a Wáipa e o Manákamã) o motivo é o mesmo: a noite comprida e a espera pelo sol.

O que mais intriga no problema, é sem dúvida a falta de elementos para a compreensão e explicação do dito motivo e da sempre alegada correlação de "longa noite" e "espera do sol". Conversando sôbre êste assunto com meu informante Yônare, êste contou algo que, talvez, possa indicar uma solução. Êste relato constitue, ao mesmo tempo, a razão de ter anexado, posteriormente, as presentes notas sôbre os Ometanímpe do Manákamã.

Yônare relatou: Antigamente, os homens viviam na penumbra. A noite não era inteiramente escura, mas também não tinha sol. Estes homens de então são chamados de "Nikomanyámba" (2). Eles tinham mêdo da escuridão e queriam a luz e o sol.

2. Nikomanyámba : O têrmo também é usado em sentido verbal, significando escurecer, anoitecer, ficar no escuro. Na forma em aprêço trata-se do durativo e, pela conexão, do durativo no passado. Nikomanyámba, nêste sentido, eram os que ficaram (viveram) no escuro, no anoitecer : os homens da penumbra.

Fizeram "warúnu" (3) e então o sol apareceu, devagar, meio apagado, primeiro pouco (= pequeno ?) e depois sempre mais (= maior ?), sempre mais e o dia tornou-se mais comprido que agora. Mas a noite (grande) sempre voltava; e os antigos, com mêdo, sempre fazendo "warúnu". Depois, os Nikomanyámba trocaram de lugar. Fizeram "warúnu" grande e só (desde) então o sol apareceu ligeiro como ainda agora.

Achei importante essa informação, pois parece-me aí expresso algo das tradições mais antigas desses grupos indígenas, sugerindo recordações de um possivel estagio em zonas setentrionais. Pelo relato, o aparecimento dessas noites compridas se repetiu até que os homens que *viviam na penumbra*, "trocaram de lugar". A correlação lógica entre a expressão "trocaram de lugar" e o resultado alcançado, que foi o da noite e o dia com a duração dos tempos atuais, indica, talvez, a mudança desses grupos, do norte para o sul, até alcançar a zona equatorial, onde o sol nasce "ligeiro" e as noites são curtas.

É uma suposição que se poderá arguir como ousada, a de que esses elementos mitológicos talvez reflitam a memória de uma migração de um habitat se setentrional para o equadorial. O tempo decorrido dessas migrações que se pode conjeturar em milhares de anos, dificilmente se pode considerar um elemento favorável à conservação na memória tribal, sem outro meio de transmissão que a tradição oral, dessa mudança de ambiente. Entretanto, é também possivel que o próprio contraste entre os dois ambientes tenha influido na permanência dessas tradições.

O objetivo aqui não é defender uma hipótese que de resto seria corolária ao fato geralmente aceito, que os remanescentes tribais desta área como de outras do continente, provém do he-

3. Warúnu : São sessões com cerimônias xamanistas, à noite; eventualmente pode ter o sentido mais amplo de : encantamento, feitiço.

misfério norte. (4) Apenas se indica na base de material colhido no campo, a persistência de uma memória tribal que torna mais compreensivo um achado arqueológico e a mitologia a ele relacionada.

No relato sôbre a "longa noite" destaca-se ainda um ponto de importância, a saber que os homens da penumbra fizeram "warúnu", isto é, cerimônias religiosas para findar a noite comprida e para ver nascer o sol e a luz. Pela descrição dada parece bastante claro que as tais cerimônias se realizaram na época do solstício, no fim da noite mais comprida do ano (5).

Se for, pois, permitido interpretar o relato supracitado da maneira como aqui se fêz, chegar-se-ia, em resumo, às seguintes deduções :

1. Quando os ancestrais dos Aibüba, depois de suas mudanças locais (já não sendo mais Nikomanyámba, os homens da penumbra !), chegaram ao seu último habitat, nas Guianas, sem dúvida conservaram ainda parte dos seus costumes antigos, "se-

4. Speiser, p. ex. estudando os Aparai, grupo karib vizinho dos tiriyó, falando do arco e, especialmente, do sistema d amarraeção da corda do arco, acha estreita conexão com sistemas e tipos existentes nas regiões setentrionais da América e, mais além, na Ásia oriental. Menciona que os Aparai atuais ignoram a razão do porque de um tal tipo de amarração e continua : "...Isto, porém, não impede podermos afirmar com certeza que neste sistema de amarração da corda do arco aparai se tenha conservado a lembrança do arco composto (da América do Norte, da Ásia Oriental)..."
Speiser, Felix. — 1926. Im Duester des Brasilianischen Urwaldss. Strecker uns Schroedr Verlag, Stuttgart — pg. 191.

5. Não seria de todo impossível que as cerimônias do mencionado "warúnu" indicassem ligação com eclipses, seja solares ou lunares, ou outros fenômenos semelhantes, embora os mitos colhidos não façam alusão a não ser à noite comprida. Handbook p. ex. cita que nas Guianas Venezuelanas, onde existem sítios arqueológicos parecidos, os índios relacionam tais alinhamentos de pedras com a lua. Essas fileiras, finalmente, podem ter servido à funções várias em ocasiões diferentes, a respeito das quais as tradições tribais se referem unilateralmente : aqui em relação à lua.
Ver : Gillin, John., 1948 — Tribes of the Guianas: in: Steward, Handbook of South American Indians, Smithsonian Institution, Vol. 3, pg. 823.

tentrionais", entre êles também as cerimônias do solstício invernal que celebraram em lugares ad hoc preparados: justamente naqueles lagedos nos campos. A expressão "noite comprida" deve ser tomada, portanto, como têrmo técnico.

2. Julgando pelos vários sítios de "Transformados", espalhados pela região (pois como já indiquei, existem mais alguns outros que, entretanto, não pude visitar), (6) parece que cada grupo, sipe ou até linhagem aibüba tinha um local de cerimônias próprio. Os lugares, como ouvimos, são atribuidos aos Aibüba do Mopéwaka, do Terêcheróge e aos de outros centros de antiga habitação.

3. Não se pode avaliar sem mais nem menos, por quanto tempo êste cerimonial se conservou. Todavia parece que, em certa época, houve um colápso no funcionamento dessas tradições até a sua final cessação; um colapso provocado, talvez, pela mesclagem acima mencionada com grupos autóctones ou outros imigrados e da ignorância daí resultante ou falta de compreensão do assunto. Também é possivel tratar-se simplesmente da cessação dessas funções por falta de motivos devido às circunstâncias regionais de um habitat em zonas equatoriais, onde o dia e a noite tem, aproximadamente, a mesma extensão e onde, portanto, quase não se percebe mais a "noite comprida". Os grupos ou chefes nominalmente indicados, teriam sido, então, os últimos a realizarem as ditas cerimônias, as quais com êles se extinguiram.

O que porém, se passava mais amiudo nas reuniões sôbre os lagedos, ou em que consistia o "warúnu" dos Nikomanyámba, como também se, de fato, essas duas funções eram basicamente idênticas, são questões cujo conhecimento não nos é accessivel, a

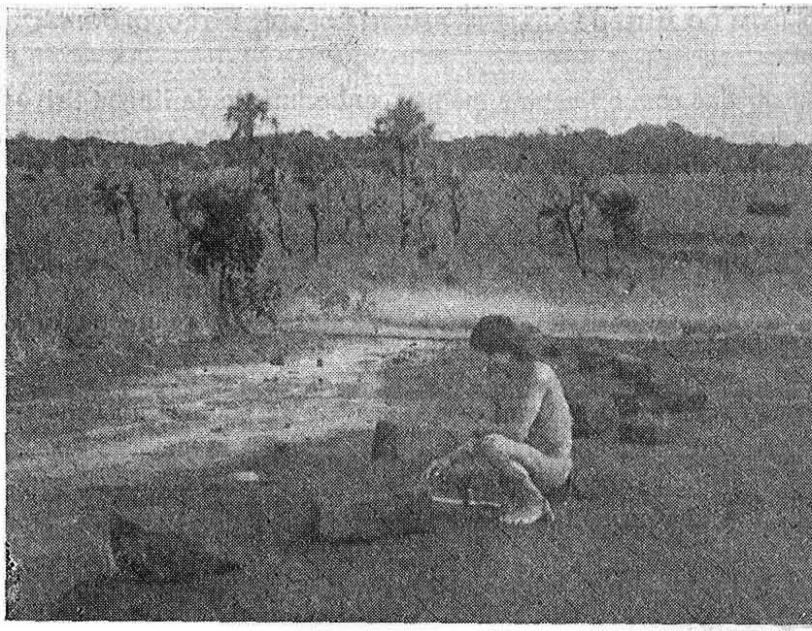
6. Também Evans e Meggers falam da existência de "sítios cerimoniais" no alto Rupununi e no Território do Amapá, consistindo, da mesma forma, em fileiras de pedras.
Ver: Evans, Clifford and Meggers, Betty. 1960 — Arqueological Investigations in British Guiana. Smithsonian Institution. pg. 300. — Idem: Handbook, loc. cit.

não ser que com o tempo e melhor conhecimento da lingua tiriyó se descubram novas fontes ou outras tradições relativas ao assunto.

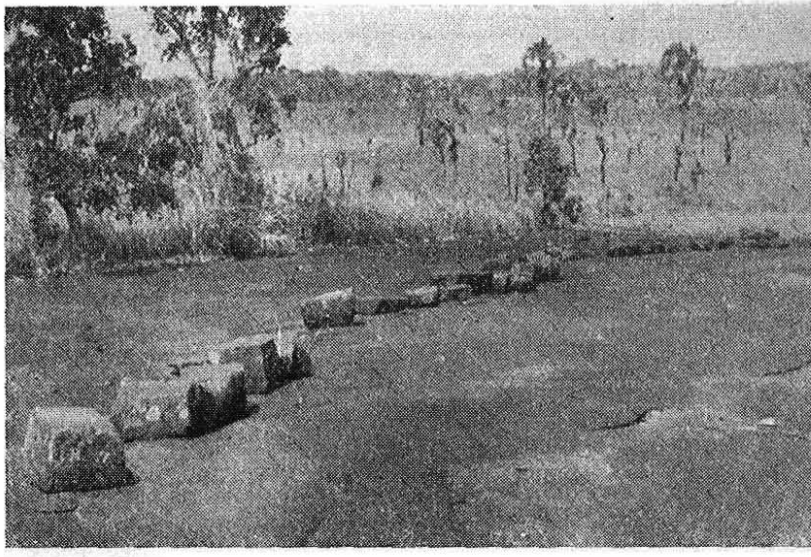
Não se atinando mais com o "porquê" deste chôro, os Aibüba em sua atitude de um chôro cerimonial foram substituidos por uns Aibüba chorando, angustiadamente, a sua má sorte. Chorando, até virarem, pedras!

Finalizando estas considerações, quero, porém, repetir mais uma vez, a respeito da interpretação num sentido de uma antiga religião solar como origem deste local de cerimônias no Ometanímpë: Indícios, sem dúvida, existem; a hipótese, embora fraca, devido as indicações serem vagas demais, é tentadora; provas concludentes, porém, faltam.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org



Atchéfe, um dos informantes, apontando para a pedra-chefe dos "Transformados" do Wáipa. No fundo, o pequeno morro Kuipía



A fileira de pedras dos "Transformados" no lagedo do campo, perto do igarapé Wáipa